

# General Gabino Suzano de Araújo Besouro: a trajetória militar durante a Guerra da Tríplice Aliança

José Carlos Meireles da Silva<sup>a</sup>

Resumo: A guerra da Tríplice Aliança, ocorrida na segunda metade do século XIX, foi o maior conflito já verificado na América do Sul. O Império brasileiro, ante o ataque paraguaio, viu-se diante da necessidade de organizar suas forças militares para conter a ameaça. Nesse sentido, foram organizados os Corpos de Voluntários da Pátria, reunindo homens de todas as províncias do Império. O presente estudo analisa a trajetória de Gabino Besouro, voluntário de Alagoas que combateu na guerra e que, já no período republicano, ascendeu ao generalato do Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança, Biografia, Voluntários da Pátria.

## INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é apresentar a trajetória de Gabino Suzano de Araújo Besouro, militar que ingressou voluntariamente na carreira das armas no 2º Corpo Policial de Alagoas (CPA), e, mais tarde, passou a integrar o efetivo do Exército Imperial. Destaca-se, dessa forma, a atuação do militar no episódio que ficou conhecido como

Guerra da Tríplice Aliança (GTA). O conflito foi o mais longo e violento já registrado na América do Sul e contou com a participação da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai.

Vale lembrar que a guerra foi motivada quando as tropas do Exército e da Armada Imperial do Brasil, e grupos militares do Uruguai, em 1864, iniciaram uma intervenção armada contra o governo do presidente Atanásio Cruz Aguir-

---

<sup>a</sup> Subtenente de Intendência. Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa em História Militar do Exército.



re. Os uruguaios viviam uma guerra civil, de um lado, os membros do Partido Blanco, formado especialmente por grandes latifundiários do interior, e do outro, os integrantes do Partido Colorado formado por grandes comerciantes de Montevideú.

Em virtude desse evento e, ainda, dos tumultos que vinham acontecendo na região fronteira entre brasileiros e uruguaios acabou motivando o Brasil adotar medidas firmes contra o país limítrofe. Os fazendeiros de gados, gaúchos, reclamavam dos roubos de animais na região, e apontavam membros do país vizinho como os possíveis responsáveis pelas ações. Em contrapartida, os uruguaios queixavam-se dos trabalhos forçados a que eram submetidos, em regime de escravidão, métodos muito utilizados pelos estancieiros sul-riograndenses.

Diante das circunstâncias, o governo brasileiro tratou de criar uma missão diplomática, que foi enviada ao Uruguai para resolver o impasse. Mesmo assim, Aguirre, não deu importância à comissão

brasileira, ficando evidente o total descaso com a diplomacia nacional. Em consequência, o Brasil enviou tropas terrestres e uma força naval comandada, respectivamente, pelo General João Propício Mena Barreto e pelo Almirante Joaquim Marques Lisboa, o barão de Tamandaré, para resolver o empecilho.

A tropa comandada pelo General Mena Barreto chegou a Paysandú, em 29 de dezembro de 1864, com duas Brigadas de Infantaria e um Regimento de Artilharia, este último sob o comando do tenente-coronel Emílio Luís Mallet.<sup>1</sup> Após dominar a cidade, as tropas seguiram para conquistar a cidade de Montevideú, onde foi assinado no dia 20 de fevereiro de 1865, o Convênio sobre a Campanha do Uruguai. A guerra contra Aguirre teve a participação brasileira em assuntos ligados à política interna do Uruguai, o conflito entre os dois países ficou conhecido como “Guerra contra Aguirre, ou Guerra do Uruguai”.

O presidente do Paraguai, Francisco Solano López, havia



aconselhado o governo brasileiro que qualquer tipo de intervenção na política do governo do uruguai poderia acarretar em severas alterações na região do rio da Prata. Segundo Júlio José Chiavenatto a ocupação do Uruguai pelas tropas do Brasil ofendia o tratado de 1850 - não havia outra saída para Solano López, desde que toda uma conjuntura estava armada contra o Paraguai, que deveria fazer cumprir o acordo de defesa mútua com os orientais<sup>2</sup>.

Em 14 de novembro de 1864, Solano López rompeu as relações diplomáticas com o Império do Brasil<sup>3</sup>. No mesmo dia, o navio *Marquês de Olinda* foi aprisionado por tropas guaranis quando subia o rio Paraguai. Vale ressaltar que a bordo da embarcação estava o novo governador da Província do Mato Grosso, o coronel Frederico Carneiro de Campos, que acabou sendo vitimado pelo contingente do ditador paraguaio.

Em dezembro de 1864, Solano López aproveitou-se da fraca defesa brasileira ordenando que suas tropas atacassem o Mato Grosso e

ocupassem Corumbá. Segundo Mércio Pereira Gomes, a região era caracterizada essencialmente pela presença indígena e cujo extermínio não havia se consolidado, como ocorreu, por exemplo, na Província do Ceará<sup>4</sup>. As etnias existentes na região não ofereceram quaisquer resistências ao inimigo. Inclusive, muitos grupos indígenas buscaram abrigos em lugares afastados, o que significava abandonar suas terras correndo o risco de perdê-las<sup>5</sup>. Essas medidas facilitaram a ocupação pelas tropas do tirano na região do conflito.

Em abril do ano seguinte, as tropas do ditador invadiram e tomaram Corrientes, província da Argentina, uma vez que, o seu próximo alvo seria o Rio Grande do Sul. Francisco Doratioto afirma que já existia a “necessidade de o Paraguai ter acesso ao Oceano Atlântico para ampliar seu comércio exterior, o que teve como consequência levar o governo paraguaio a interessar-se pelas lutas políticas platinas”<sup>6</sup>.

Portanto, em 1º de maio de 1865, reuniram-se em Buenos Ai-



res, o presidente da Argentina, Bartolomeu Mitre, do Uruguai, Venâncio Flores e representando o Império brasileiro, o senhor Francisco Otaviano de Almeida Rosa, com a intenção de firmarem o acordo conhecido como “o Tratado da Tríplice Aliança”. Para Marcelo Santos Rodrigues o tratado tinha por desígnio:

firmar o compromisso entre os países aliados de fazer uma guerra contra o governo de Solano Lopez, sem prejuízo da população paraguaia. Firmaram, no compromisso, que nenhum dos aliados deporá as armas, antes da queda do ditador, e tampouco poderia adotar posições em separado<sup>7</sup>.

A Guerra do Paraguai foi o momento ímpar da história do Brasil, em que a mobilização de homens se fez necessária como forma de auxiliar o Exército Imperial. O Estado Brasileiro requisitou a participação de habitantes para ajudar na luta contra o inimigo hostil. Segundo Augusto Tasso Fragoso, “o Império mobilizou cerca de 139.000 homens de uma população

geral de nove milhões de habitantes. Isso quer dizer que cerca de 1,5% da população brasileira teria participado diretamente do conflito no teatro de operações”<sup>8</sup>.

## **A MOBILIZAÇÃO: GABINO BESOURO NA GTA**

Após o Brasil declarar guerra ao Paraguai, verificou-se a necessidade de ampliar o Exército Imperial para atender a extraordinária situação em que vivia o país. Para isso, foi instituído o Decreto nº 3.371, de 07 de janeiro de 1865, que designava a formação dos Corpos de Voluntários de Pátria (CVP) para as condições de integridade do Império brasileiro. Neste sentido, os CVP deveriam suprir as necessidades da guerra, conforme retratado no Art. 1º

são criados extraordinariamente Corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de dezoito e menores de cinquenta anos, que voluntariamente se quiserem alistar [...]”<sup>9</sup>.



O decreto criava alguns benefícios para os CVP como forma de estimular os cidadãos recrutados, mas não poderia ser membros da Guarda Nacional (GN). Ressalta-se, que o procedimento adotado para os GN estava previsto no Decreto nº 3.383 de 21 de janeiro de 1865, em que deveriam cumprir a determinação prevista na lei, e ao final de um ano, seriam dispensados sem quaisquer indenizações.

Em contrapartida, os CVP receberiam um valor compensatório, equivalente ao soldo auferido aos “Voluntários de Exército, mais 300 reis diários e uma gratificação de 300\$000 quando dessem baixas, e um prazo de terras de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas”<sup>10</sup>. Além disso, os voluntários teriam todos os privilégios e direitos das praças do Exército, podendo inclusive, ser promovidos ao posto de oficial.

É bom salientar que desde a interferência do Brasil na política do Uruguai, em 1864, já existia certo entusiasmo da população brasileira pela carreira das armas. O sentimento de patriotismo cres-

ceu ainda mais, quando começou a guerra contra o Paraguai e com a criação dos CVP. Para Doratioto o alistamento se dava da seguinte maneira:

Homens se alistavam como Voluntários da Pátria sem reivindicar seus prêmios em dinheiro e funcionários públicos abriam mão de seus vencimentos para custear a formação desse corpo militar e eram comuns as doações financeiras de particulares ou de movimentos patrióticos<sup>11</sup>.

Ricardo Salles, no seu livro *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*, adverte, que, com a publicação do decreto de convocação dos Voluntários da Pátria, aumentou, especialmente, a procura nos meios estudantis e em setores da população urbana<sup>12</sup>. Essa procura impressionou muito as autoridades, já que a população era extremamente resistente a qualquer forma de recrutamento militar. Para Vitor Izecksohn, a primeira onda de re-



crutamento aconteceu entre 1864 e 1865 que conseguiu reunir um contingente suficiente para [...] expulsar o Exército paraguaio do Rio Grande do Sul<sup>13</sup>.

De qualquer forma, o governo Imperial por meio de relatório do Ministro dos Negócios da Guerra afirmava que havia a necessidade de aumentar o efetivo de voluntários. Assim sendo, o Desembargador João Batista Gonçalves de Campos, governador da Província das Alagoas, atendendo a reivindicação constante no documento escreveu o seguinte:

Ordenei às autoridades policiais que ativassem o recrutamento e principiou a aparecer algum resultado.

Ordenei aos Comandantes Superiores da Guarda Nacional que por si e por seus subalternos procedessem ao recrutamento na mesma Guarda Nacional, de modo a produzir, pelo menos, quatro recrutas por companhia. Espero que apareçam efetivo recrutas nesta razão<sup>14</sup>.

Partindo desse princípio, Gabino Besouro, nascido em 1851, na

cidade de Penedo, Alagoas, aos 14 anos, tomou parte ativamente da Guerra do Paraguai. Mesmo contrariando o que previa o Decreto de Mobilização dos Voluntários da Pátria: o alistamento deveria ser a todos os cidadãos com idade entre maiores de dezoito e menores de cinquenta anos. Em 25 de agosto de 1866, o jovem Gabino incorporou como praça na graduação de segundo sargento, em que foi designado para compor o 2º CPA<sup>15</sup>. Em outubro do mesmo ano, o jovem militar foi promovido à graduação de primeiro sargento por seu desempenho profissional.

O 2º CPA, assim como o 20º Corpo de Voluntários da Pátria (20º CVP), foram “organizados em Maceió, Capital da Província das Alagoas, tendo por núcleo o Corpo Policial da Província, sendo reforçado pelo voluntariado e elementos da Guarda Nacional”<sup>16</sup>. A formação desses Corpos, só foi possível quando o Governador da Província das Alagoas ficou sabendo da notícia que ditador do Paraguai havia declarado guerra ao Brasil.



Em virtude disso, por meio do ofício nº 157, de 20 de novembro de 1867, o Palácio da Presidência da Província das Alagoas resolveu direcionar ao Ministro da Guerra, Henrique Beaurepaire Rohan, o efetivo do 2º CPA:

Ilustríssimo e excelentíssimo Senhor

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., que promovi em comissão para o 2º Corpo Provisório que se está organizando, os seguintes oficiais e instrutores: tenente-coronel Manoel Joaquim Pinto Pacca; major, o capitão Francisco Honorato de Cerqueira Barbosa; capitão, tenente Vicente Marinho de Viveiros; tenente, o Alferes Miguel Fragoço de Bulhões Tamarindo; alferes, os sargentos Verano da Rocha Wanderley, Francisco José Gonçalves Júnior, José Joaquim do Patrocínio, Epaminondas Belmiro dos Santos, Manoel da Costa Pinto e João Henrique de Carvalho, todos estes da Guarda Nacional, à exceção do sargento Patrocínio que pertence ao Exército; portanto, peço a V.

Exa que se digne aprovar este meu ato, porque todos se apresentaram voluntariamente, a fim de seguirem para o teatro da guerra<sup>17</sup>.

Ressalta-se que o 20º CVP foi incorporado ao 52º CVP em 1867, esse último, estava acampado em Curuzu, que foi designado “para reforçar o 2º Corpo de Exército, quase às vésperas do combate de Curupaiti, como elemento da Brigada Auxiliar, enviada de Tuiuti”<sup>18</sup>. No mesmo período, a Província das Alagoas enviou o efetivo do 2º CPA para reforçar o 52º CVP. Tal medida só foi possível, uma vez que esse contingente já vinha treinando desde o início da Guerra.

Em 29 de maio de 1867, o 2º Corpo de Exército foi transferido por ordem superior de Curuzu para Passo da Pátria, “em virtude de uma grande inundação de todo o acampamento de Curuzu, pelo transbordamento dos rios Paraná e Paraguai, nos derradeiros dias daquele mês”<sup>19</sup>. Outros fatores que também contribuíram para a mu-



dança de área foram às baixas sofridas pelas tropas e a epidemia de cólera<sup>20</sup> nas regiões de Curuzu e Curupaiti, que escarmentou o seu efetivo, entre abril e maio 1867.<sup>21</sup>

Mesmo assim, o Comandante do 2º Corpo deixou uma guarnição na região endêmica cuja finalidade era fazer frente ao inimigo em caso de um combate. Para isso, a tropa da Antiga Brigada Auxiliar foi escolhida para essa missão, que mais tarde recebeu o reforço do 1º Corpo, às vésperas do assalto contra as fortificações de Curupaiti.<sup>22</sup> No entanto, em 30 de maio do mesmo ano, quando o grosso do 2ª Corpo estava saindo do Teatro de Operações (TO), os soldados paraguaios trataram de atacar as tropas brasileiras, arremessando entorno de 1.400 projetis sobre o acampamento da Brigada Silva Paranhos, conduzida pelo tenente-coronel Antônio da Silva Paranhos. O ataque do Paraguai trouxe transtornos às tropas brasileiras, que acabou com 31 homens fora de combate.

É bom lembrar que a Brigada contava com o reforço de cinco Unidades, o 6º Batalhão de Infanta-

ria de linha, 41º CVP, 42º CVP, 46º CVP e 52º CVP, esse último, estava o primeiro sargento Gabino Besouro no *front* de batalha. Em 04 de julho de 1867, foi determinado ao contingente comandado por Paranhos, que deixasse à região de Curuzu e se recolhesse ao Passo da Pátria para juntar-se o 2º Corpo de Exército. Outras mudanças foram feitas ao longo da guerra pelo marquês de Caxias, que planejou a redistribuição e o posicionamento das tropas do 1º Corpo de Exército e do 2º Corpo no TO.

Sendo assim, o 1º Corpo que ocupava e guardava as áreas de Tuiuti e Passo da Pátria, passou a responsabilidade para 2º Corpo a partir de 22 de julho 1867. Na verdade, essas áreas foram transformadas em bases de operações dos aliados durante a guerra. Essa mudança entre os Corpos provocou a reorganização do 2º Corpo do Exército, que ficou definido assim: O 52º CVP passou a pertencer a 10ª Brigada de Infantaria, do coronel Antônio da Silva Paranhos, recém promovido, que passou a contar com o 6º Batalhão de Infan-





taria e os Corpos 41°, 42°, 45°, 46°, 52° e 54°.<sup>23</sup>

Diante das mudanças, o primeiro sargento Gabino passou a integrar ao 54° CVP, em fevereiro de 1868, onde tomou “parte na coluna que atacou o lado esquerdo do inimigo fronteiro em Tuiuti. Além disso, assistiu o ataque do dia vinte e um levado pelo 2° Corpo e de que resultou a tomada das trincheiras inimigas”<sup>24</sup>. Em junho do mesmo ano, o militar foi excluído do 54° CVP, por ter sido transferido para o 1° Regimento de Artilharia à Cavalo, ao qual se apresentou no dia 8 e tomou parte no combate do Passo Benites, nas proximidades da Ilha de Araçá/Paraguai, sendo elogiado por seus superiores pela brilhante atuação durante o combate.

O marquês de Caxias após ter conquistado a região de Humaitá, decidiu transferir a base de operações de Curupaiti “para o recinto da fortaleza, que oferecia melhores vantagens sob todos os pontos de vista, inclusive pelo aproveitamento das instalações ali encontradas”.<sup>25</sup> López havia abandonado

Humaitá na esperança de estabelecer uma linha defensiva junto ao rio Tebiquari, já que a região “oferecia qualidades topográficas [...] na defesa contra a aproximação aliada que ameaçava vir do Sul, mas decidiu estabelecer aí seu quartel general, sua linha de defesa e uma fortificação, conhecida como Augustura”<sup>26</sup>. As tropas do ditador paraguaio deixaram a fortaleza em 27 de março de 1868, seguindo em direção ao Chaco, “onde teve de sustentar renhidos combates, particularmente na Laguna Verá, na tentativa de furar o bloqueio que ali estabeleceram por tropas brasileiras e argentinas”<sup>27</sup>.

A nova base de operações ficou sob o Comando do Marechal Argolo Ferrão que tinha a missão de reorganizar as tropas, tendo em vista a continuidade da campanha. Segundo Paulo de Queiroz a ideia era coordenar os movimentos das Unidades e Grandes Unidades que seguiriam ao encontro do inimigo<sup>28</sup>. Portanto, o grosso do Exército Imperial, era formada pelos 1° e 3° Corpos, que marchou para o Norte levando junto suas forças, a Divi-



são Oriental do General Henrique Castro. Assim, o Exército Imperial foi subdividido em divisões de infantaria conforme citação por Duarte:

A 12ª Brigada de Infantaria, reunida à 11ª formava a 4ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Brigadeiro Hilário Maximiano Antunes Gurjão, promovido a este posto por decreto de 18 de janeiro de 1868.

Pertencendo à 4ª Divisão, formou a 12ª Brigada no 1º Corpo do Exército, do Brigadeiro Jacinto Machado Bittencourt, que marchou ao clarear da jornada da quarta-feira, 19 de agosto, com o grosso do Exército, fazendo a vanguarda o 3º Corpo do General Osório.

No dia 28, passava a 4ª Divisão o Arroio Jacaré, acampando na sua margem direita; prosseguiu a marcha a 2 de setembro seguinte; atravessou o rio Tebiquiri e acampou em São Fernando; a 8, retornou a marcha e foi acampar em Ounebi-bi a 24, tudo de setembro.<sup>29</sup>

As tropas brasileiras notaram que o Exército paraguaio dispunha de uma forte posição estratégica na região de Piquiciri, pois as condi-

ções do terreno dificultavam quaisquer movimentações na região. O Comando-Chefe, então, decidiu desviar os militares para uma nova posição em relação ao contingente de López. Para isso, foram gastos, aproximadamente 36 jornadas para prosseguir até a região de Palmas, onde se encontrava o grosso do Exército brasileiro acampado. O marquês de Caxias começou as operações de reconhecimento na área, mas observou que existia, à frente, uma forte posição do inimigo. Para vencer essas barreiras seria necessário adotar algumas estratégicas:

Se impunha uma manobra desbordante pela esquerda, através de uma marcha pelo Chaco onde, pela própria disposição e natureza do terreno, era necessário levar o grosso das forças de manobra para a margem direita, atravessando o caudal do Paraguai, e ali construir uma estrada, pela qual pudesse a tropa passar além do fortim de Angostura, já reconhecido pela Esquadra, e que os paraguaios haviam construído na margem esquerda, um pouco abaixo da povoação de Villeta.<sup>30</sup>



O Comandante-Chefe mobilizou um pequeno contingente com intuito de explorar o terreno e reformular a estratégia, que seria imprescindível à realização da manobra. A missão ficou a cargo do marechal Argolo Ferrão, que estava em Humaitá, mas por determinação superior foi emitido uma ordem para buscá-lo imediatamente. Cabe destacar, que, antes da chegada do 2º Corpo, foi realizado um reconhecimento preliminar

pela tropa do tenente-coronel Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, que era “formado dos 4º e 16º Batalhões de linha, um esquadrão de cavalaria, uma ala do Batalhão de Engenheiros e duas bocas de fogo, com a missão de abrir uma picada

e ganhar tempo na construção da almejada estrada”.<sup>31</sup>

Em 13 de outubro de 1868, seguiram mais dois corpos para o Chaco no intuito de reforçar o destacamento do tenente-coronel Ti-

búrcio. Mas, no dia 15 desembarcou em Palmas, o General Argolo Ferrão “que logo foi levado para a margem direita com 3.510 homens que trouxera consigo de Humaitá, ficando naquela fortaleza igual número de combatentes”.<sup>32</sup>.



Gabino Besouro, aqui fotografado no posto de general.

A chegada do 2º Corpo foi o que faltava para reforçar a tarefa, que já vinha sendo desenvolvido pelos contingentes do tenente-coronel Tibúrcio.

Em 21 de novembro do mesmo ano, a unidade de Gabino Besouro, que estava acampado em



Palmas, recebeu à ordem para marchar em conjunto com a cavalaria em direção ao reduto de Angostura e de Lomas Valentina. Segundo Leandro José Clemente Gonçalves, a região estava com cerca de 22 mil soldados do ditador paraguaio, que prontamente adotou o seguinte artifício:

López buscou entricheirar-se ao norte do rio Tebicuary, porém, notando que a posição na margem direita (setentrional), do rio Piquiciri, acima do Tebicuary, oferecia qualidades topográficas que proporcionavam uma melhor defesa contra a aproximação aliada que ameaçava vir do sul, decidiu estabelecer aí seu quartel-general, sua linha de defesa e uma fortificação, conhecida como Angostura deixada ao comando do tenente-coronel inglês Thompson.<sup>33</sup>

Mesmo com a estratégia empregada por Solano López, o avanço das tropas foi inevitável, uma vez que a região já havia sido mapeada anteriormente. E, para consolidar a ofensiva do contingente brasileiro foram construídas: estradas, pontes, trincheiras, fortifica-

ções, dentre outras colaborações (embarque e desembarque de materiais e tropas, organização dos acampamentos e reconhecimentos)<sup>34</sup>, todos esses fatores facilitaram o confronto com inimigo. Destaca-se, que o trabalho da engenharia foi decisivo ao organizar o caminho para o Chaco, possibilitando uma série de ações das tropas, que ficou conhecida como Dezembrada, no fim de 1868, tendo como alvos Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura. A transposição da ponte é descrita pelo tenente-coronel Carlos de Carvalho da seguinte maneira:

Os meios de que dispúnhamos constavam apenas de três pontões de goma elástica, quatro chalanas, construídas de propósito, e duas canoas, que foram compradas no Mandisobi. Aqueles pontões prestaram-se maravilhosamente ao seu fim, e, se tivéssemos pelo menos mais seis, teríamos efetuado a passagem em dois dias, em lugar de quatro. Entretanto, a travessia de 14.000 homens, com grande bagagem, nove baterias e mais duzentas viaturas, sobre um rio, como o Mocoretá, que



nessa mesma ocasião tinha 50 braças 170 de largura e duas de profundidade, e em tão curto espaço de tempo é um fato novo nesses países [...]<sup>35</sup>.

Sérgio Morgado afirma que o General Argolo iniciou o movimento em direção à ponte do Arroio Itororó, através de uma estrada cercada de capoeiras e ligeiramente acidentada [...]. Dispunha de elementos de cavalaria, um esquadrão, e de uma bateria de canhões do Regimento de Artilharia a Cavallo<sup>36</sup>. O regimento do primeiro sargento tomou posição frente ao inimigo atacando a posição no flanco direito do reduto de Angostura. A perseguição ao oponente continuou, com novos bombardeios da unidade de Gabino, onde assaltaram e apoderaram-se de toda artilharia inimiga, mas só foi completamente derrotado em Potreiro Pires<sup>37</sup>. Nesse episódio, o primeiro sargento acabou sendo ferido de leve, mas continuou atuando no combate contra as tropas paraguaias.

Em 1869, o comandante do regimento, por meio de decreto, elogiou o jovem militar pela belíssima atuação durante sua participação nos ataques contra o inimigo hostil. Ainda no mesmo ano, foi destacado para fazer parte da 1ª Bateria que atacou a vanguarda de Piquiciri. O regimento de Gabino Besouro, em junho 1869, saiu em direção à Villa Rica numa campanha, mas para surpresa de todos, se depararam com o inimigo no desfiladeiro de Sapucahy<sup>38</sup>, sendo travado um combate de certa duração.

Em 21 de junho, o primeiro sargento, foi promovido ao posto de segundo tenente, permanecendo no 1º Regimento de Artilharia à Cavallo, sendo incluído no efetivo da 1ª Bateria. Em 28 de junho de 1869, o Governo Imperial, resolveu condecorar por atos de bravura, por meio do Decreto nº 4.131, de 28 de março de 1869, o recém-promovido ao posto de tenente Gabino Besouro, com a Medalha de Mérito Militar pela participação nos combates dos dias 21, 25 e 27 de dezembro de 1868.



Em janeiro de 1869, foi o período determinante para a GTA, uma vez que, as forças aliadas da Tríplice Aliança haviam ocupado à cidade de Assunção. Segundo Francisco Doratioto, a cidade transformou-se num verdadeiro acampamento militar quando “os soldados brasileiros se instalaram e os argentinos acamparam nos arredores. Ela tornou-se um centro de comércio, com cerca de duas mil casas de negócios e, ainda, quatro mil mulheres, que acompanhavam as tropas”<sup>39</sup>.

A cidade tornou-se o ponto de apoio para os refugiados vindos do interior do país. Essas pessoas, na maioria das vezes estavam doentes, ou até com fome, mas não havia infraestrutura para recebê-los, tornando o quadro caótico<sup>40</sup>. Vale lembrar que as funções administrativas da cidade eram desempenhadas por componentes ligados ao Exército Imperial, mas tinham poucas habilidades para lidar com esses cidadãos. Assim sendo, para resolver as necessidades dos civis, foi criado o Tribunal Militar Misto (TMM) de forma que pudesse

apoiar a população local. O TMM ajudou o Paraguai ingressar numa nova fase da política, instituindo um governo provisório que denotava a conclusão da guerra, ainda que a morte do presidente paraguaio, Solano López, tenha ocorrido em 1º de março de 1870<sup>41</sup>.

Ao findar a guerra, grande parte dos Voluntários da Pátria foram desmobilizados, mas Gabino Besouro, por determinação superior, foi mandado se apresentar no Batalhão da Corte. O militar não sabia, mas uma nova fase em sua vida se iniciava, de imediato, foi concedido licença para matricular-se no Curso da Escola Militar. A ideia dos seus superiores era efetivá-lo no Exército Imperial e mantê-lo no posto que havia conquistado durante a GTA. Em 1871, no decorrer do curso, foi promovido ao posto de “segundo tenente de carreira”, por antiguidade a contar de 1870, sendo aprovado no exame prático da arma de Artilharia<sup>42</sup>.

Anos mais tarde, foi promovido ao posto de primeiro tenente em 12 de novembro de 1881 e a capitão em 15 de dezembro de 1888.



No entanto, por ser um militar dotado de grande capacidade intelectual, não custou para ser promovido sucessivamente aos postos de major em 7 de abril de 1892, tenente-coronel em 8 de agosto de 1895, coronel em 2 de agosto de 1905, general de brigada em 14 de novembro de 1910 e a general de divisão em 8 de abril de 1914.

O General Gabino Besouro comandou a Escola de Estado-Maior, a Inspetoria de Ensino Militar, a 5ª Divisão e 7ª Região Militar, a 3ª Divisão e a 5ª Região Militar. No ano de 1915, foi nomeado como o primeiro Comandante do Ensino Militar, função que posteriormente daria origem à Inspetoria Geral de Ensino do Exército, o atual Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto elaborava o artigo, observei a admirável trajetória militar de Gabino Besouro. O jovem militar juntamente com seus companheiros ingressou no CVP e

pode representar o Brasil com persistência no maior conflito armado da América do Sul. Afinal, a Guerra do Paraguai é um evento marcante para a historiografia, onde houve a participação de vários voluntários no combante ao ditador paraguaio. Segundo Ricardo Salles, a tropa de voluntários não tinha o menor preparo e nem condições de atuar nos campos de batalhas.

Apesar do questionamento do historiador, mesmo com o pouco tempo de preparo, o exército de voluntários conseguiu superar as dificuldades encontradas durante os combates. Nesse contexto célebre, surgia o personagem de 14 anos de idade, que participou com bravura dos combates mais longínquos da GTA.

A Fé de Ofício, em suas entrelinhas, revela todas as missões a ele confiada no decorrer da Guerra do Paraguai. O resultado incidiu no recebimento das menções elogiosas, medalha por atos de bravura e promoções, que denotam o reconhecimento de seus superiores pelos feitos nos campos de batalha.



Ressalta-se ainda, que o militar conquistou com muita labuta o seu lugar no efetivo do Exército Imperial no pós-guerra. Cabendo ser lembrando pelos feitos positivos ao longo de sua carreira militar. A história do General Gabino Besouro é pouco conhecida no âmbito militar e tampouco pela bibliografia especializada.

## BIBLIOGRAFIA

Centro de Comunicação Social do Exército. Tomada de Paissandu. *Noticiário do Exército*, Brasília, 2016.

CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A guerra do Paraguai*. [s.e.], 1979.

DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *O Brasil no Rio Prata (1822 – 1994)*. Brasília: FUNAG, 2014.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai* v.2, t.III. Rio de Ja-

neiro: Bibliex, 1989.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, v.3, t.IV. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, v.3, t.II. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, v.3, t.III. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989.

Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEX), em 11 de outubro de 2017.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1934.

GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988

GONÇALVES, Leandro José Clemente. *Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1869*, 2009, [mestrado em história]. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.

IZECKSOHN, Vitor. Resistência ao recrutamento para o Exército





durante as guerras Civil e do Paraguai. Brasil e Estados Unidos na década de 1860. *Revista de Estudos Históricos*, n.27, Rio de Janeiro, 2001.

MARQUES, Adriana Vargas. Um exército invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai. *Revista Urutágua* - revista acadêmica multidisciplinar - Departamento de Ciências Sociais Universidade Estadual de Maringá, 2006.

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Guerra do Paraguai: os caminhos da Memória entre a Comemoração e o esquecimento*. [Doutorado em Ciências Humanas]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in) voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai: a participação da Bahia no conflito*. Salvador, [Dissertação de Mestrado], Universidade Federal da Bahia, 2001.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

VAZ, Braz Batista. *O final de uma Guerra e suas Questões Logísticas: O Conde D' Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870)*, 2011, [doutorado em história]. Universidade Es-

tadual Paulista, Franca, 2011.

---

<sup>1</sup>Centro de Comunicação Social do Exército. Tomada de Paissandu. *Noticiário do Exército*, Brasília, 2016, p. 01 acesso em: 07 de dezembro de 2017.

<sup>2</sup>CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A guerra do Paraguai*. 1979, p.109.

<sup>3</sup>Ibid., p.109.

<sup>4</sup>GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil*. Petrópolis: Editoras Vozes, 1988, p. 23.

<sup>5</sup>MARQUES, Adriana Vargas. Um Exército Invisível: a Participação de Indígenas na Guerra Contra o Paraguai. *Revista Urutágua* - revista acadêmica multidisciplinar - Departamento de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá, 2006, p.3. <http://www.urutagua.uem.br/010/10marques.htm> acesso: no dia 22 de novembro de 2017.

<sup>6</sup>DORATIOTO, Francisco Monte Oliva . *O Brasil no Rio Prata (1822 – 1994)*. Brasília: FUNAG, 2014, p.39.

<sup>7</sup>RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in) voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai: a participação da Bahia no conflito*. Salvador, [Dissertação de Mestrado], Universidade Federal da Bahia, 2001, p. 21.



---

<sup>8</sup>FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1934, p. 220.

<sup>9</sup>BRASIL, Decreto nº 3.371, de 7 de Janeiro de 1865, extraído: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>, acesso em: no dia 19 de outubro de 2017.

<sup>10</sup>Art.2 do Decreto nº 3.371, de 7 de Janeiro de 1865, extraído: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>, acesso: no dia 19 de outubro de 2017.

<sup>11</sup>DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *O conflito com o Paraguai*. A grande guerra do Brasil. São Paulo: Ática, 1996, p. 47.

<sup>12</sup>SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*. São Paulo: Paz e Terra. 1990, p. 96.

<sup>13</sup>IZECKSOHN, Vitor. “Resistência ao recrutamento para o Exército durante as guerras Civil e do Paraguai. Brasil e Estados Unidos na década de 1860” *Revista de Estudos Históricos*, nº 27, Rio de Janeiro, 2001, p. 03.

---

<sup>14</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.2, t.III, p 104

<sup>15</sup>Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), em 11 de outubro de 2017.

<sup>16</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.2, t.III, p 104.

<sup>17</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p 102-103.

<sup>18</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p 102.

<sup>19</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p 103.



---

<sup>20</sup>É uma doença causada por uma bactéria que se multiplica rapidamente no intestino humano produzindo uma potente toxina que provoca diarreia intensa.  
<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/c%C3%B3lera/2026/>  
acesso em: 11/01/2018.

<sup>21</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p. 103.

<sup>22</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p. 103.

<sup>23</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.IV, p. 105

<sup>24</sup>Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), em 11 de outubro de 2017.

<sup>25</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.II, p.183.

<sup>26</sup>GONÇALVES, Leandro José Clemente. *Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1869*, 2009, [mestrado em história].

---

Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009, p.41.

<sup>27</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.II, p.182.

<sup>28</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.II, p.183.

<sup>29</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.II, p.183.

<sup>29</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.III, p.166.

<sup>30</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.III, p.166.

<sup>31</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.III, p.167.

<sup>32</sup>DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989, v.3, t.III, p.168.

<sup>33</sup>GONÇALVES, Leandro José Clemente. *Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e*



---

1869, 2009, [mestrado em história]. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009. p.41.

<sup>34</sup>VAZ, Braz Batista. O final de uma Guerra e suas Questões Logísticas: O Conde D' Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870), 2011, [doutorado em história]. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2011. P.82.

<sup>35</sup>tenente-coronel Carlos de Carvalho apud TAVARES, op. cit., p. 75.

<sup>36</sup>[http://www.funceb.org.br/images/revista/21\\_5v2z.pdf](http://www.funceb.org.br/images/revista/21_5v2z.pdf) Acesso em: 15/12/2017.

<sup>37</sup>Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), em 11 de outubro de 2017.

<sup>38</sup>Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), em 11 de outubro de 2017.

<sup>39</sup>[http://www.academia.edu/28560464/A\\_ocupa%C3%A7%C3%A3o\\_pol%C3%ADtico\\_militar\\_brasileira\\_do\\_Paraguai\\_1869\\_1876\\_.pdf](http://www.academia.edu/28560464/A_ocupa%C3%A7%C3%A3o_pol%C3%ADtico_militar_brasileira_do_Paraguai_1869_1876_.pdf) Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

<sup>40</sup>[http://www.academia.edu/28560464/A\\_ocupa%C3%A7%C3%A3o\\_pol%C3%ADtico\\_militar\\_brasileira\\_do\\_Paraguai\\_1869\\_1876\\_.pdf](http://www.academia.edu/28560464/A_ocupa%C3%A7%C3%A3o_pol%C3%ADtico_militar_brasileira_do_Paraguai_1869_1876_.pdf)

---

69\_1876\_.pdf Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

<sup>41</sup>RODRIGUES, Marcelo Santos. Guerra do Paraguai: os caminhos da Memória entre a Comemoração e o esquecimento. [Doutorado em Ciências Humanas]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p 31.

<sup>42</sup>Fé de Ofício do General GABINO SUZANO DE ARAÚJO BESOURO, extraído do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), em 11 de outubro de 2017.